

Gênero, classe e etnia – trajetórias de vida de mulheres migrantes

*Gender, class and ethnicity – life stories of
migrant women*



LISBOA, Teresa Kleba. *Gênero, classe e etnia – trajetórias de vida de mulheres migrantes*. Florianópolis: Editora da UFSC, em co-edição com a Editora Argos de Chapecó, 2003. 192 p.

LISBOA, Teresa Kleba. *Gender, class and ethnicity – life stories of migrant women*. Florianópolis & Chapecó. Editora da UFSC & Argos, 2003. 192 pp.

Teresa Kleba Lisboa

Teresa Kleba Lisboa é professora do Departamento de Serviço Social da UFSC e do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, coordena o Núcleo de Estudos e Pesquisa em Serviço Social e Relações de Gênero, desenvolve projetos de pesquisa e extensão com mulheres líderes de comunidades da periferia de Florianópolis, serventes de limpeza que trabalham como terceirizadas, com mulheres pobres, chefes de família e com mulheres que sofrem violência. Doutora em Sociologia pela UFRGS/Porto Alegre, Mestre em Sociologia Política pela UFSC, publicou também pela Editora da UFSC: *A Luta dos Sem Terra no Oeste Catarinense*.

 livro analisa o processo de “empoderamento” de mulheres líderes de duas comunidades da periferia de Florianópolis, a partir das dimensões de gênero, classe e etnia. As trajetórias de vida de quinze lideranças entrevistadas proporcionaram a reconstrução da história estrutural e sociológica de um grupo de pessoas procedentes da miscigenação de índio com branco, que viviam no “entorno caboclo” como posseiros, e foram expropriados de suas terras, tendo que migrar para a cidade. Chegando na cidade, estas famílias encontram no espaço solidário das redes sociais de vizinhança, familiares e nas redes de ONGs – Organizações Não-Governamentais, o acolhimento necessário para sua aculturação, que não ocorre sem conflitos de identidade.

Estudos feministas têm apontado para o significativo aumento dos fenômenos da “feminização da pobreza” e da “feminização da migração”. Segundo dados da ONU, 70% dos pobres de todo o mundo são mulheres, que, por sua vez, têm despontado nos cenários da migração interna (nacional) e externa (internacional) como sujeitos autônomos, em busca de melhores condições de vida para si e para seus filhos. O processo de migração para as mulheres significa, muitas vezes, a fuga de uma estrutura social patriarcal com rígidas noções do que constitui “propriedade” em relação à mulher. Em geral, a mulher pobre, índia, negra ou mestiça não tem direito à herança e à propriedade de terras no campo nem quando casa e muito menos quando se separa, configurando-se uma articulação entre as categorias gênero, classe e etnia. As mulheres migrantes, sujeitos desta pesquisa, descendem da miscigenação de índio com branco, e suas trilhas de vida no tempo e no espaço estão relacionadas com as histórias de suas famílias, posseiras ou assalariadas rurais, que, expulsas de suas terras no campo – onde seu sistema de vida seguia a lógica do “entorno caboclo”,

migraram para a cidade de Florianópolis. Ali, impulsionadas pela ação de agentes externos e organizações sociais, participaram de vários processos de lutas e conquistas de moradia e de outras necessidades básicas. Conquistaram nesta luta um poder afirmativo que as transformou em sujeitos políticos, com fala própria, com capacidade para intervir, decidir, deliberar e participar da construção de sua cidadania e de lutar por outros objetivos importantes para suas vidas e das comunidades em que vivem.

O conceito de “empoderamento” é apresentado no livro como uma outra concepção de poder: um poder que afirma, reconhece e valoriza, ao invés de um poder que oprime, domina e anula. É entendido como “um processo que oferece condições e possibilidades às pessoas de auto-determinar suas próprias vidas”; implica na inversão dos mecanismos de poder patriarcais fundados na opressão e na mudança de normas, crenças, mentalidades, usos e costumes, práticas sociais e conquista de direitos pela mulher. No livro são descritas trajetórias de empoderamento de quatro mulheres consideradas paradigmáticas. Estas trajetórias mostram que o processo de empoderamento inicia-se primeiramente, na aquisição do espaço doméstico, no qual ocorrem as relações de produção e reprodução do cotidiano (empoderamento social) e no qual elas desenvolvem sentimentos de auto-estima e autoconfiança (empoderamento psicológico). A conquista da casa levou as mulheres a iniciarem seu engajamento político, pois esta luta travou-se no espaço público (empoderamento político). Através de suas trajetórias migracionais, as mulheres caboclas reelaboraram os significados das categorias sociais: gênero, classe e etnia transformando-se em sujeitos políticos. Esta “alquimia” decorrente da multiplicidade de sujeitos – migrantes, caboclas, mulheres, trabalhadoras, mães, líderes, no processo conflitivo e dialético de construção de sua sub-

jetividade, de um lado lutando contra a discriminação de gênero, classe e etnia e, de outro, lutando por uma causa comum que foi a conquista de suas moradias, contribuiu para afirmar sua identidade e o seu “empoderamento”.

Teresa Kleba Lisboa

tkleba@cse.ufsc.br

Departamento de Serviço Social – CSE/UFSC

Campus Universitário Trindade

Florianópolis – SC

CEP: 88.010-970